

# Jerusalém

Miron Białoszewski

Tradução e apresentação de Piotr Kilanowski<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná

## Apresentação

Miron Białoszewski (1922-1983) foi com certeza um dos autores poloneses mais difíceis de classificar entre os poetas poloneses do século XX. Por um lado, junto com Wisława Szymborska, Zbigniew Herbert, Tadeusz Różewicz e Jerzy Ficowski, pertenceu à geração dos “Colombos”, a primeira a crescer na Polônia que retomou sua independência e teve a experiência da guerra e dos totalitarismos como um dos traços mais marcantes. Por outro lado, Białoszewski foi um outsider, um explorador do idioma, principalmente do cotidiano, banal e até infantil, à procura da melhor expressão para descrever a realidade. O poeta transgredia as normas e os gêneros então vigentes. No seu minúsculo apartamento instalou um teatro que encenava suas peças para os amigos e pessoas que viessem da rua. Ainda outro lado de sua poesia e prosa, descoberto e explorado décadas depois da sua morte, foram os registros de sua vivência como homossexual num sistema totalitário. Białoszewski, que transitava longe dos círculos literários e modas da época e vivia plenamente sua arte, talvez fosse um exemplo de uma liberdade atípica, que não se engaja na luta pela liberdade, não assume posições políticas, apenas as transcende vivendo na margem do sistema.

A mais famosa de suas obras é um livro de memórias do Levante de Varsóvia que foge da retórica heróica (de modo muito semelhante à *Eu construía a barricada*, de Anna Świrszczyńska, e, também como a obra dela, publicado décadas depois da vivência traumática, em 1970). O poeta relata o desastre da guerra urbana, da morte da cidade e da sua cultura da posição de um civil que tenta apenas sobreviver o apocalipse. *Memórias do Levante de Varsóvia (Pamiętnik z Powstania Warszawskiego)* também é marcado pela revolução na linguagem que Białoszewski cria para descrever o indescritível, cheia de

---

<sup>1</sup> Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

neologismos, onomatopeias, completamente oral (o livro é basicamente a transcrição das memórias narradas pelo poeta numa gravação), cheia de lacunas e da desordem típica do trabalho de rememoração.

O poema *Jerusalém* ainda não traz todas as marcas da linguagem de Białoszewski (que estreou tardiamente em 1956), mas permite perceber a tentativa de uma escrita diferente à procura de uma linguagem adequada. O poeta antes e durante a guerra morou nas cercanias do Gueto e observava com pavor e compaixão o sofrimento dos vizinhos. Ele e sua família ajudaram fugitivos do Gueto a quem deram abrigo. A primeira cena descrita no poema acontece no cruzamento das ruas Żelazna e Chłodna, onde, antes da instalação da famosa ponte que unia as duas partes do Gueto por cima de uma rua pertencente ao lado ariano, o trânsito era regulado por meio dos portões. A cada quinze minutos ou meia hora, os portões paravam o trânsito de uma das ruas para permitir a passagem seja de judeus pela rua Żelazna, seja dos não judeus pela rua Chłodna. Białoszewski se encontra no exato lugar de observação descrito no título de um dos mais famosos poemas de Czesław Miłosz: “Um pobre cristão olha para o gueto”.

## Jerusalém

1

Cerrados um em frente ao outro  
oscilam com férreo lamento  
os portões do Pequeno Gueto,  
os portões do Grande Gueto— — —

Por de trás dos veículos – junto ao muro  
flui a caravana de cristãos,  
olha para dentro do Pequeno — e do Grande,  
onde o povo de Melquisedeque  
aguarda passagem...

Pelas negras galerias de barras  
os olhares apressam-se rapidamente  
até que os dois portões  
batam asas um na direção do outro

e fechem o meio da rua  
como o Mar Vermelho:  
O Gueto se une!

E então  
num relance  
    passam  
as manchas grisalhas de barbas,  
os olhos avermelhados,  
as trouxas,  
mãos em movimento,  
bondes a cavalo,  
colunas de riquixás...  
    De guarda,  
    os rostos alemães  
    fundidos em bronze.

2

Ao alvorecer — que se avoluma com o dia,  
os anciões sufocados, negros,  
como se acorrentados  
com a cadeia  
    de passos  
passam...  
    passam...  
    para dentro do Gueto-geena — — —

E acolá  
as sombras dos profetas  
ou uma voz repleta de séculos:  
“ó Jerusalém...  
— — — E dirigiu-se o Senhor a meu Senhor:  
    assenta-te à minha direita  
    até que eu faça de teus inimigos  
    o escabelo de teus pés...”

E aqueles  
    cegados pela vermelhidão do muro  
veem apenas  
    o muro das lamentações.

3

Um Judeuzinho  
ressecado como múmia  
pelos séculos de instantes terríveis  
furtivamente se aproxima,  
para que aquele não o veja,  
e entende apenas uma coisa:  
“Jeová...  
beterrabas... batatas...  
cebola...  
para a mãe...  
para os irmãos pequenos...”  
Gotas de suor roxo,  
a mão abraça os andrajos,  
“Jeová!”

No cruzamento dos asfaltos  
jaz um corpo ensanguentado, arremessado do bunker;  
cebolas se derramam do casaco...  
a mão inerte sobre os arames  
roxa como batatas  
para mãe, para irmãos...  
Não! Não enganou ninguém!  
Pelas beterrabas vermelhas  
pagou com sangue vermelho!

A sombra do salmista judaico  
inclina-se  
sobre o gemido baixo da criança:

“Louvai, ó servos o nome do Senhor  
Bendito seja o nome do Senhor, agora e para sempre...”

Mas ele não ouve o salmista

“...para a mãe

...para os irmãos pequenos  
cebola...”

Secaram nos lábios as últimas

palavras.

4

No sabá,

das altas janelas fronteiriças  
roseiam as roupas de cama.

Nos destroços de vidros

não chamejam as menorás sagradas.

Somente da parte abaixo

da rua,

os castiçais de canos

flamejam alvejando

as janelas.

E de dentro do Gueto como da sinagoga

um gemido... um uivo...

como a oração

do Dia do Juízo.

E apenas os profetas

se balançam e inclinam:

“Vamos subir à casa do Senhor...

Eis que nossos pés se estacam diante de tuas portas, ó Jerusalém!

Jerusalém, cidade tão bem edificada...”

Ninguém ouve.

Entre as calçadas  
o escaldante bálsamo do sol  
unge os corpos dos mortos e doentes.

Os espectros dos profetas  
leem as palavras da Torá,  
o que o Senhor mesmo prometeu.

Ninguém ouve.

5

Sobre os trilhos de Powązki  
multidões  
                        acossadas  
através dos desertos dos subúrbios  
rumo à terra não-prometida  
sem Moisés...

As estrelas vespertinas  
como lampiões de Chanucá;  
um espaço imenso  
como sinagoga.

De algum lugar vem uma ordem  
- pelos trilhos de Powązki  
as pessoas pararam  
                        congelaram  
em estátuas de bronze do templo...  
E aconteceu como na Bíblia,  
o novo testamento de Deus...

Não...

O medo é frio  
e sonolento,  
o sentir escapa das veias...  
a morte se obnubila com esse sentir...

Não há tábuas de pedra  
nem monte Sinai.  
Há apenas capacetes  
e metralhadoras  
e caixões de vagões clorados.  
Há o Gueto-Jerusalém!

6

Lá — — na cidade martirizada  
entre ruas claras e más  
entre estátuas de cadáveres  
vagueiam salmistas  
tocando as cordas dos arames enferrujados  
“.....ó Jerusalém....”

Ninguém ouve.

Varsóvia, 17 de junho 1945

## **Jerozolima**

1

Naprzeciw siebie zatrzaśnięte  
żelaznym chwieją się lamentem  
drzwi Małego Getta,  
drzwi Dużego Getta — — —  
Za pojazdami — przy murze  
tłoczy się karawana chrześcijan,

patrzy w to Małe i Duże,  
gdzie naród Melchizedeka  
oczekuje przejścia...

Przez czarne galerie prętów  
spojrzenia ścigają się prędko,  
aż dwoje wrót  
skrzydłami ku sobie łopoce  
i jezdnię w poprzek zamyka  
jak Morze Czerwone:  
Getto się jednoczy!

I wówczas

    migają:  
siwe plamy bród,  
przekrwione oczy,  
toboły,  
ruchy rąk,  
tramwaje konne,  
kolumny riksza...

    Na straży  
    niemieckie twarze  
    wlane w spiż.

2

We świt — dniem wzbierający  
starcy zdławieni, czarni,  
jakby łańcuchem kroków

    związani

przechodzą...

    przechodzą...

    w głąb Getta-gehenny — — —

A ówdzie

    proroków cienie



czy głos wiekami pełny:

„Jerozolimo...

— — — Rzekł Pan do Pana mego:

siądź mi po prawicy,

aż wszystkie twoje wrogi

dam za twój podnózek...”

A tamci

oślepli czerwonością muru

widzą tylko

ścianę płaczu.

3

Żydziak

wiekami strasznych chwil

wyschnięty na mumię

skrada się,

by nie widział tamten,

i jedno rozumie:

„Jahwe...

buraki... kartofle...

cebula...

dla matki...

dla braci małych...”

Sinego potu krople,

ręka łachmany przytula,

„Jahwe!”

Na skrzyżowaniu asfaltów

skrwawione ciało, wyrzucone z bunkra;

cebula sypie się z palta...

bezwładna ręka na drutach

sina jak kartofle

dla matki, dla braci...

Nie! Nie oszukał!

Za czerwone buraki  
czerwoną krwią zapłacił!

Cień żydowskiego psalmisty  
chyli się  
nad jękiem dziecka niskim:

„Chwalcie, o dziatki, Pana,  
Pan jeden godzin chwały...”

Lecz ono nie słyszy psalmisty  
„...dla matki  
...dla braci małych  
cebula.....”

Ostatnie słowa z warg  
wyschły.

4

W sabat  
z wysokich okien granicznych  
różowieje pościel.

W szczątkach szyb  
nie płoną święte menory.  
Tylko od dołu  
z ulicy

lichtarze luf  
goreją w cel  
ku oknom.

A z głębi Getta, jak z bożnicy  
jęk... wycie...  
niby modły  
Sądneho Dnia.

I tylko prorocy

kołyszają się w pokłon:

„Jerozolima — dom nasz, dom boży,  
a chwała jego do końca wieka...”

Nie słyszy nikt.

Wśród trotuarów

gorący słońca balsam

na zwłokach zmarłych i chorych.

Widma proroków

czytają słowa z Tory,

co przyrzekł Pan sam.

Nie słyszy nikt.

5

Na torowiskach Powązek

rzesze

gnane

pustynią przedmieść

ku ziemi nie-obiecanej

bez Mojżesza...

Gwiazdy wieczoru

jak lampki oliwne Chanuki;

przestwór

jak synagoga.

Skądś płynie rozkaz

— po torowiskach Powązek:

ludzie stanęli

zastygli

w rzeźby świątynne z brązu...  
I stała się scena z Biblii,  
nowy testament Boga.....

Nie.....  
Strach jest zimny  
i senny,  
czucie ucieka z żył...  
śmierć się tym czuciem zamgli...

Nie ma kamiennych tablic  
ni góry Synaj.  
Są tylko hełmy  
i karabiny  
i trumny zachlorowanych wagonów.  
Jest Getto-Jerozolima!

6

Tam — — w męczeńskim mieście  
wśród ulic jasnych i złych  
między posągi trupów  
błądzą psalmiści  
grając na strunach zardzewiałych drutów:  
„.....Jerozolimo....”

Nie słyszy nikt.

Warszawa, 17 czerwca 1945

## REFERÊNCIA

BIAŁOSZEWSKI, Miron. *Polot nad niskimi sferami*. Rozproszone i niepublikowane wiersze-przekłady poetyckie-dramaty-1942-1970. Varsóvia: PIW, 2017. p. 49-56. (versão e-book).